

SURFISTAS, ANDARILHOS E FILÓSOFOS: - ELES BUSCAM A FILOSOFIA DA MANHÃ

Danielle Fonseca¹

Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a Terra - e não um viajante que se dirige a uma meta final: pois esta não existe.²

O ano era 1975. *Assim, como nasce o dia. Assim, como nasce o dia*, o surfista e estudante de filosofia autodidata, Gibus de Soultrait, arruma as malas na velha vitrola, em sua casa, localizada em Biarritz, França, ouve Heldon e Richard Pinhas, acompanhados da voz de Gilles Deleuze recitando *Le Voyager* de Frederich Nietzsche e inicia, através de um barco, sua andança, sua dança-andarilha pelo mundo.

Eu fui tripulante em um barco e cruzei o Pacífico em 1975. A música de Pihnas-Heldon com Deleuze me fez sonhar adiante. Em 1977, eu estava indo para a universidade fazer o curso de Deleuze e ele fez o curso sobre os nômades [...] Nós nos conhecemos e nos encontramos mais tarde, em 1988, em torno do tema do surf.³

¹ Artista visual e escritora

² NIETZSCHE, F. *Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

³ “[...] j’étais équipier sur un bateau et on traversait le Pacifique en 1975. La chanson de Pihnas-Heldon avec Deleuze m’avait fait rêver avant. Au retour en 1977, j’allais au cours de Deleuze à la fac et il faisait cours sur les nômades [...] On

Impossível falar de Gibus de Soultrait sem pensar que Daniel Lins através do texto “Deleuze: o surfista da imanência” foi quem deu luz à existência dele para mim. Pensar o surfista. Viajar com o surfista. O surfista é aquele que faz “do oceano, território liso e nômade, por excelência, um espaço estriado, cartografado, para com ele coabitar, e não dominá-lo ou ‘ocupá-lo’”,⁴ começo a pensar na relação que guia, literalmente, surfistas e filósofos às caminhadas em busca de conhecimento, aventura, novas palavras, conceitos, teorias ou quem sabe entender os que aplaudem o pôr do sol com alegria.

[...] Quando surgir então para ele o sol matinal, ardente como uma divindade da ira, quando para ele se abrir a cidade, verá talvez, nos rostos que nela vivem, ainda mais deserto, sujeira, ilusão, insegurança do que no outro lado do portão e o dia será quase pior do que a noite. Isso bem pode acontecer ao andarilho; mas depois virão, como recompensa, as venturosas manhãs de outras paragens e outros dias, quando já no alvorecer verá, na neblina dos montes, os bandos de musas passarem dançando ao seu lado, quando mais tarde, no equilíbrio de sua alma matutina, em quieto passeio entre as árvores, das copas e das folhagens lhe cairão somente coisas boas e claras, presentes daqueles espíritos livres que estão em casa na montanha, na floresta, na solidão, e que, como ele, em sua maneira ora feliz ora meditativa, são andarilhos e filósofos. Nascidos dos mistérios da alvorada, eles ponderam como é possível que o dia, entre o décimo e o décimo segundo toque do sino, tenha um semblante assim puro, assim tão luminoso, tão sereno-transfigurado: – eles buscam a filosofia da manhã.⁵

Segundo o jornalista e surfista, William Finnegan, “o verão é parte da iconografia popular do surfe. E, como grande parte dessa iconografia, isso está errado”, relata o escritor, ganhador do Prêmio Pulitzer de Biografia em 2016, O que aparentemente desmancharia todos os sonhos do *Endless Summer* súrfico, a busca pelo verão sem fim.⁶ O surfista é isso, o surfista não é nada disso. É um *outsider*. É aquele que habita o *outside* (o lado de fora), em sua plena literalidade. O surfista, ao passar a arrebentação das ondas, chega ao *outside*, é lá que estão novamente as ondas, em seu início. Rebelde, marginal, determina seu próprio estilo de vida. Parto em busca dessa quebra de iconografia.

O ano era 2010. *Acorda sol, detrás da ingazeira, vem, traz manhã, que a noite é sorradeira*. Foi atrás desse sol-de-surfista, desse verão imaginário que escrevi e dirigi o filme “A Vaga”, uma média metragem de 35 minutos, onde tracei o roteiro, inspirado nos textos de Gilles Deleuze e Daniel Lins;

s’est rencontré et on a échangé plus tard en 1988, autour du theme du surf.” In: E-mail para Danielle Fonseca em 28 de agosto de 2017.

⁴ LINS, D; GIL, J. Nietzsche/ Deleuze: Jogo e Música. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 53.

⁵ NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Pg 271.

⁶ FINNEGAN, W. *Dias Bárbaros – Uma vida no surf*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015. Pg 163.

fiz um mapa afetivo de quem entrevistaria, comecei pensando em Daniel, claro, mas, ele não podia filmar na época, estava indo em viagem. “Infelizmente não poderei filmar, estou indo viajar por alguns meses, e hoje quero ver aquelas plantas com raízes enormes que tem aqui na Amazônia”.

Tive dúvidas se seriam as de raízes aéreas ou as aquáticas, mas apostei nessa última, que diferente das raízes subterrâneas, tem a simples função de não se fixar, absorvem os nutrientes flutuantes e seguem. “No começo, bem antes de todo gesto, de toda iniciativa e de toda vontade deliberada de viajar, o corpo trabalha, à maneira dos metais, sob a ação do sol. Na evidência dos elementos, ele se mexe, se dilata, se estende, e distende e modifica seus volumes”,⁷ como Daniel e as plantas aquáticas nômades daqui da Amazônia.

O surf, ou melhor, o espírito do surfe, arrisco dizer que está presente em Daniel Lins desde a década de 1970, quem sabe em sua primeira vez em Goa, na Índia, em 1973, com Sylvie: “ficamos dez meses numa barraca de pescador, logo transformada em lindo espaço de passagem e partilha para muitos hippies de diversos países, algumas amigas e amigos até hoje [...] Outro mundo. Outro corpo. Outros desejos”. Desde então, Daniel já esteve 12 vezes na Índia, acredito que com o mesmo espírito, a mesma vontade por essa enorme potência de liberdade, também presente no surf. Também presente na filosofia.

Viajávamos de ônibus locais, caminhões e balsas, de canoa, cargueiro e barcos abertos, de avionetas, veleiros e táxis, a cavalo. Andamos. Pedimos carona. Remamos. Nadamos. Caminhamos mais. Debruçávamos sobre mapas e cartas de navegação e procurávamos atentamente recifes distantes, canais, pontais, bocas de rio. Subimos trilhas cobertas por mato, precipícios escarpados e coqueiros em busca de melhores pontos de observação, e éramos frequentemente derrotados por florestas, mapas ruins, estradas piores ainda, manguezais pantanosos, correntes oceânicas e kava. Pescadores nos ajudavam. Aldeões nos recebiam. As pessoas olhavam, boquiabertas, as foices congelavam em pleno movimento quando passávamos por suas plantações de inhame nas profundezas das florestas com tábuas estranhas debaixo do braço.⁸



⁷ ONFRAY, M. *Teoria da Viagem – poética da geografia*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2015. pg 9.

⁸ FINNEGAN, W. Op. cit., pg 163.



Daniel Lins na Praia de Colva, Goa, Índia, 1973. Acervo: Daniel Lins

Além da potência de liberdade, ou a vontade de potência do surf (assim como no conceito de Nietzsche), não é somente a essência, mas acima de tudo uma necessidade. O surfista, tanto quanto o andarilho, também carrega em si (além de pranchas e parafinas) referências filosóficas.

Encontrei Gibus de Soultrait ao ler uma revista especializada em surf, publicada na França, e logo em seguida, por *Skype*: “Não sei o qual é a mudança com relação ao Brasil, 6 horas?! Podemos fazer na sexta-feira, 6 de agosto, às 16h , 17h, hora francesa (final da manhã para você)”.⁹ Gibus trocou correspondências com Gilles Deleuze, e foi ele que convidou Gilles Deleuze para participar da *La Nuit de la Glisse*, no famoso Cine Rex, em Paris, a grande festa do cinema de surf. “Trazer esse filósofo tão delicado e discreto para tamanha confusão, encontro de escorregadores frenéticos, tinha algo de extraordinário, inédito”, disse Gibus de Soultrait. O jovem surfista não imaginou que Deleuze iria à festa, porém, dias depois recebeu uma carta do filósofo:

“Obrigada por vossa delicadeza. Fui ao Rex, o público jovem despertou uma mistura de angústia (leve) e de jubilação, mas, sobretudo, os filmes me impressionaram muito. Há ali, evidentemente, uma combinação matéria-movimento muito nova. Mas, também uma outra maneira de pensar. Estou certo que a filosofia é concernida pelo surf”.

Gibus segue sendo um pensador, não apenas do surfe, mas do estilo de vida ou filosofia do surfe. A propósito da comparação muito frequente entre os surfistas, os andarilhos (a tradução para língua francesa, exprime melhor o significado da palavra: *le voyager*) e os nômades, Gibus ousa ao me responder com *print-screen* de um comentário que fez para Jean-Clet Martin, também filósofo e especialista em Deleuze:

O andarilho é o objeto de si mesmo. Ele se despoja do que ele é pelo que ele tem e apreende, o que acontece com ele para se tornar o que ele é. Isso pode parecer um ciclo infinito (mesmo uma fatalidade) na ilusão de um tempo distraído, mas pode soar como um jogo de destino (mesmo uma cumplicidade) na consideração de um movimento ouvido. Do nada, nada em troca do que se diz ser, estar aqui ou em outro lugar para estar no lugar ou em movimento,

⁹ “[...] *je ne sais pas quel est décalage il y a avec le Brésil, 6H. Peut-on faire vendredi 6 août vers 16h, 17h heure française (fin de matinée pour vous)* . Conversa via Email , 08 de abril de 2010.

ser infeliz ou feliz, ser nômade ou sedentário ... só isso poderia ser expresso depois um *savoir vivre*. A incerteza de uma era está sempre destinada a ser crida, a querer ser *cloisonné*, como se para se tranquilizar. E então nos encerramos para ter certeza de nós mesmos. E, no entanto, essa garantia não nos dá a cada vez a incerteza de nós mesmos quando viajamos, quando "conhecemos" viajar. Para seguir, então, qual será a jornada do tempo, de uma época em movimento.¹⁰



Gibus de Soultrait Le voyageur est l'objet de lui-même. Il se dessaisit de ce qu'il est par ce qui lui arrive et saisit ce qui lui arrive pour devenir ce qu'il est. Cela peut sembler comme une boucle sans fin (voire une fatalité) dans l'illusion d'un temps éperdu, mais cela peut sonner comme un jeu du destin (voire une complicité) dans la considération d'un mouvement entendu. A partir de là rien ne change à proprement dit, d'être ici ou ailleurs, d'être en place ou en déplacement, d'être malheureux ou bienheureux, d'être nomade ou sédentaire... juste que peut-être s'exprimerait alors un "savoir vivre". L'incertitude d'une époque est toujours vouée à se croire, à se vouloir cloisonnée, comme pour se rassurer. Et alors on enferme pour être sûr de soi. Et pourtant que d'assurance ne nous donne à chaque fois l'incertitude de soi quand on voyage, quand on "sait" voyager. A suivre donc quel sera le voyage de l'époque, d'une époque en mouvement 😊
J'aime · Répondre · À l'instant · Modifié

Relacionar surfistas, filósofos e andarilhos é tão natural quanto tentar transcrever as próprias palavras que os norteiam, pessoas que vagueiam, vagam, e porque não divagam sobre seus caminhos ou objetos pensados. Carregam o significado no próprio corpo. O surfista, por exemplo, se formos analisar a palavra, é Riobaldo, personagem do livro "Grande Sertão Veredas" de João Guimarães Rosa. Como disse o escritor André Monteiro: "Riobaldo é aquele que trafega líquidos"¹¹ e Riobaldo todos sabem, além de água, carrega em si metafísicas e acasos: "Passou o tempo em que poderiam sobreviver acasos, e que poderia suceder-me que já me não pertença?"¹²

Os dados lançados pelas estradas ou mares jamais abolirão o acaso.

Em latim, o radical "bald" vem de batillum que gerou o substantivo balde, verbalizado em baldear: fazer baldeação, trafegar líquidos, ou ainda, trafegar nos líquidos. Riobaldo então é aquele que carrega o rio e é nele carregado. (...) Mas baldo também vem do árabe batil, que gerou o advérbio debalde, traduzido como "inutilmente", ou, ainda, por "estar em vão", "em estado de errância". (...) Miscigenando o árabe e o latim, Riobaldo é aquele que cuida e é cuidado de errar e ser errado no e pelo rio.¹³

¹⁰ Resposta enviada por e-mail para Danielle Fonseca em 23 de julho de 2017.

¹¹ MONTEIRO, A. *Da estética dos saberes: baldeações...* In: PEREIRA, M, L, S. *A Jangada e o elefante e outros ensaios*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009. Pgs105-120.

¹² NIETZSCHE, F. *Assim Falava Zarathustra: livro para toda gente e para ninguém*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. Pg 157.

¹³ MONTEIRO, op. cit, 2009, p. 105.



Gibus de Soultrait, 1975.
Foto: Acervo Gibus de Soultrait



Gibus de Soultrait, Guetarry,
França, 1969. Foto: Tito Rosemberg

Curioso, usarei esta palavra para evitar usar a palavra coincidência. Pois bem, curiosamente, durante minha pesquisa encontrei uma foto de Gibus de Soultrait, datada de 1969, numa postagem no *Facebook* do jornalista, fotógrafo e surfista Tito Rosemberg. Tito, desde que comecei a comprar revistas de Surf, na década de 1980, e a sonhar com a busca da onda perfeita ao som de Vinicius de Moraes, é nome emblemático no jornalismo de surf. Acredito que Tito, como diria Nietzsche, “alcançou em alguma medida a liberdade da razão”¹⁴, fez inúmeras viagens pelo mundo, muitas relacionadas com seu modo de pensar a vida e seu trabalho. “Em 1990, estive no Rio Negro vivendo neste barco por dois anos e meio, fazendo reportagens para diversas revistas e em vídeo para o *Globo Ecologia*”.¹⁵

Lendo o livro *Arpoador Surf Clube* de Tito, repleto de imagens icônicas do surf brasileiro, questionei-o sobre uma frase que me chamou atenção e novamente a palavra liberdade como parte da vida do surfista:

¹⁴ NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Pg 271.

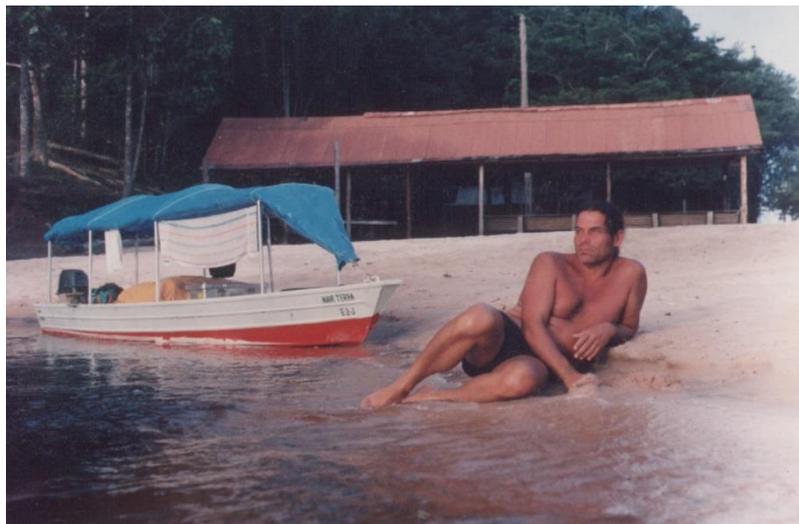
¹⁵ Enviado por uma mensagem de *Messenger* em 27 de agosto de 2017.

- Tito achas que o surfista, tanto quanto os nômades e andarilhos, seriam espécies de filósofos? No sentido da busca da liberdade, como você disse: "sentia-me inacessível, único, livre!"

– Acho que surfistas, por viverem imersos na natureza, cercados dos mistérios do mar, como a formação e evolução das ondas, têm o ambiente e as ferramentas para terem a capacidade de filosofar, mas apenas se não verem o surf como uma competição. Competir diminui o encontro mágico entre homem e natureza, que somente o surfista de alma consegue perceber. Andarilhos, viajantes e surfistas compartilham o convívio com o inesperado, o transitório, a despreocupação inatingível para quem tem mil responsabilidades no mundo do comércio ou dos negócios.¹⁶



Surfando e viajando na Libéria, África do Oeste, 1975



Tito Rosemberg. Rio Negro, próximo do Arquipélago de Anavilhanas, Amazonas, 1990

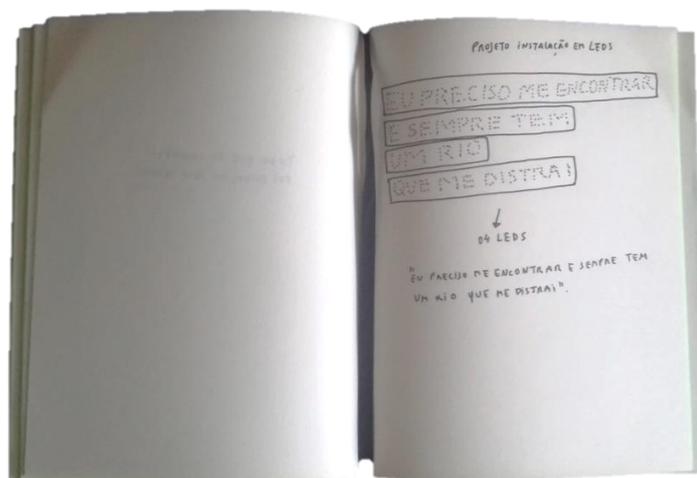
Em 1975 eu estava chegando por aqui, sob o signo de capricórnio e a lua em Sagitário, pouco mais de três quilogramas, com uma vontade enorme de ver o mar. Os astros e estrelas sabe-se que são espécies de guias aos viajantes e aos poetas, e não distinguem entre os filósofos e os surfistas, mas os sabem. O sol possui papel fundamental, primordial nessa relação do homem em busca de seu caminho. O poeta Max Martins a respeito disso escreveu o poema A Cabana, que é uma espécie de hino para todas as vezes que sigo em viagem:

É preciso dizer-lhe que tua casa é segura
Que há força interior nas vigas do telhado
E que atravessarás o pântano penetrante e etéreo
E que tens uma esteira
E que tua casa não é lugar de ficar
Mas de ter de onde se ir.¹⁷

¹⁶ Enviado por mensagem através do *Messenger* em 20 de agosto de 2017.

¹⁷ MARTINS, Max. Para ter onde ir. Belém, PA. Ed. Ufpa, 2016, p. 59.

Assim como Max Martins, a artista visual Keyla Sobral também, através de sua pesquisa em torno de cartografias, mapas aéreos, desenhos desconstruídos feitos em não-lugares, aeroportos, aviões, torna-se andarilha, artista que dança sobre o nanquim.



“Eu preciso me encontrar e tem sempre um rio que me distrai”, Projeto de instalação em *Leds*.
Keyla Sobral,

O ano é 2017. Ouço para escrever este texto a música “Sol das lavadeiras”, de Zé Manoel, conterrâneo de Daniel (não poderia perder a rima), e sigo a construir pranchas de madeira, assim como o personagem do conto de João Guimarães Rosa “A terceira margem do rio”, naturalmente: “Assim, como nasce o dia. Assim, como nasce o dia. Assim, como nasce o dia. Assim como nasce o dia!”¹⁸



Danielle Fonseca. Praia do Farol, Belém-PA. Foto: Marise Maués.

¹⁸ Composição de Zé Manoel e Mavi Pugliesi. Interpretação: Zé Manoel e Grupo Bongar. 2012.

“...E era toda “de pinho, construída em madeira de corpo único, feito um fundo de canoa, que é quase uma prancha sem as margens. Prancha é lugar para caber justo um remador ou um surfista. E teve que ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para o contato com a água uns muitos anos. Se João Guimarães Rosa tivesse conhecido algum surfista diria que são seres que executam a invenção de se permanecer em espaços de rio ou mar, de meio a meio, sempre em cima da prancha, como se dela não fossem saltar nunca mais,”¹⁹

REFERÊNCIAS

- NIETZSCHE, F. *Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- NIETZSCHE, F. *Assim Falava Zarathustra: livro para toda gente e para ninguém*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- LINS, D; GIL, J. *Nietzsche/ Deleuze: Jogo e Música*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FINNEGAN, W. *Dias Bárbaros – Uma vida no surf*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
- ONFRAY, M. *Teoria da Viagem – poética da geografia*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2015.
- MONTEIRO, A. *Da estética dos saberes: baldeações...* In: PEREIRA, M, L, S. *A Jangada e o elefante e outros ensaios*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009.
- MARTINS, Max. *Para ter onde ir*. Belém, PA. Ed. Ufpa, 2016
- FONSECA, D. *A madeira e a aquarela forjam o milagre da flutuação*. Texto publicado no catálogo “Pororoca – A Amazônia no MAR”. In: HERKENHOFF, P. (org). Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio, 2014.

¹⁹ FONSECA, D. *A madeira e a aquarela forjam o milagre da flutuação*. Texto publicado no catálogo “Pororoca – A Amazônia no MAR”. In: HERKENHOFF, P. (org). Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio, 2014.